

COGNIÇÃO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO DE BRONCKART: ELEMENTOS PARA UMA REVISÃO DO ESTATUTO DAS FASES COGNITIVAS ENVOLVIDAS NA TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL DO CONTEÚDO TEMÁTICO

Selmo Ribeiro Figueiredo Junior^{*}

RESUMO: Nosso objeto teórico é o modelo de cognição adotado pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart, tomando como base o texto *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*, publicado originalmente em 1997 na França. Propusemos uma revisão do estatuto das fases cognitivas envolvidas com a transformação do conteúdo temático que o texto empírico portará. Nesse sentido, sugerimos a identificação dos níveis de contingência do conteúdo temático e a noção de ‘injunção gramatical’ como construto explicativo hipotético das últimas etapas transformacionais daquele conteúdo.

PALAVRAS-CHAVES: Interacionismo sociodiscursivo, cognição, níveis de contingência.

ABSTRACT: The cognition model of the Bronckart’s sociodiscursive interacionism is the theoretical object of this article, with reference to text “Language activity, texts and discourses: for a sociodiscursive interacionism”, originally published in 1997 in France. The proposal here exposed refers to a revision of the statute of the cognitive stages involved with the transformation of the thematic content that the empirical text will carry. In this sense, the identification of the levels of contingency of the thematic content is suggested, as well as the notion of ‘grammatical injunction’ as explanatory hypothetical construct of the last transformational steps of that content.

KEYWORDS: Sociodiscursive interacionism, cognition, levels of contingency.

APRESENTAÇÃO

Nossa discussão sobre o estatuto das fases cognitivas envolvidas na transformação estrutural do conteúdo temático relativo à produção ver-

^{*} Mestrando UFPR/Estudos Linguísticos com bolsa CAPES, na ‘Texto, discurso, pragmática: teorias e interfaces’. Participante do Projeto de Pesquisa ‘Investigação sobre a representação da significação em diferentes modelos teóricos linguísticos’ (UFPR) e do Grupo de Pesquisa ‘Linguagem e Cultura’ (UFPR/CNPq). Prof. Membro da BFC: Centro de Trabalho em Psicanálise.

bal situada dirá respeito especificamente ao projeto teórico-metodológico do interacionismo sociodiscursivo proposto por Bronckart em 1997, exposto na obra *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Porém, antes desse exame, destinaremos, inicialmente, algumas palavras sobre o enquadramento do projeto do interacionismo sociodiscursivo no conjunto geral do interacionismo no campo da linguística e, na seção seguinte, falaremos um pouco sobre a cognição e sua dependência social constitutiva. Em “Algumas categorias do ISD”, exporemos, com comentários, as noções e os conceitos do modelo pertinentes à discussão que faremos na seção subsequente, terminando este artigo com uma síntese das afirmações fundamentais da nossa proposta de contribuição ao ISD juntamente com uma breve reflexão dialética.

INTERACIONISMO EM LINGUÍSTICA

Preocupando-se com os ‘exteriores teóricos’ conjugados com unidades sistêmicas da língua, analisando o texto (oral ou escrito) em sua estrutura e em suas condições de funcionamento, o interacionismo sociodiscursivo (ISD) inscreve-se na perspectiva do interacionismo (em sentido largo), assim como podemos conceber em alguma medida, sem a necessidade de rotulá-las de ‘interacionistas’, a Linguística Textual, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Semântica Enunciativa, a Pragmática, a Análise do Discurso e outras, com estudos iniciados notadamente no século passado.

Bronckart formulará o ISD sobre bases epistemológicas que se formam reunindo-se pressupostos teóricos de disciplinas diversas ¹, principalmente contando com a contribuição da psicologia adualista vygotskyana e da sociologia compreensiva habermasiana. Categorias como ‘atividade’, ‘ação’ e ‘operações psicológicas’, por exemplo, serão contempladas e serão fundamentais para contribuir na compreensão do funcionamento do texto empírico.

Por sua natureza, o ISD, com certo pendor esboçado de uma psicologia da linguagem, pode ser considerado uma disciplina de entremeio, “híbrida” ou de interface no que se refere aos polos opostos que as perspectivas externalistas e as internalistas compõem no campo da linguística, de modo que o ISD seja ainda, com efeito, uma metodologia compreensiva global.

¹ Para detalhes da constituição do modelo teórico-metodológico do interacionismo sociodiscursivo, bem como dos autores e principais textos de base utilizados, v. especialmente os caps.1 e 2 de Bronckart (2009).

Uma das vias definidoras que, de fato, repercutem densamente no projeto do ISD proposto por Bronckart (2009) é a que se apresenta no texto “Por uma tipologia dos discursos” (tradução livre), de Simonin-Grumbach, do qual ele cita este trecho:

[...] é necessário [...] que a lingüística encontre os meios de dar conta das operações que o sujeito falante efetua para produzir um enunciado e do modo como se pode reconstruir, a partir dos traços ambíguos dos enunciados, as operações que ligam os enunciados aos sujeitos que os produziram. É nessa condição que a lingüística poderá verdadeiramente tornar-se uma ciência da linguagem e não somente uma gramática (SIMONIN-GRUMBACH, 1975, p.118 ² *apud* BRONCKART, 2009, p.151).

Adicionando aí a dimensão do social, as práticas ou produções de linguagem são atravessadas por componentes que lhe são constitutivos, sem cuja consideração só poderemos apreendê-las parcialmente ou de modo reducionista, em que pese à postura abstracionista (do ponto de vista filosófico e/ou científico) de abordagens sustentadas em opções metodológicas e recortes teóricos que, inevitavelmente, apagarão elementos coexistentes na realidade lingüística observada.

A proposta é mesmo superar as resistências remanescentes contra a consideração da dimensão humana, histórica e social que a tradição estruturalista dos estudos da linguagem encampa(va).

Baseados na crítica de Morato (2011, p.314) dirigida aos estudos “interacionais” (alguns propriamente interacionistas, outros não) gerais em lingüística, podemos enquadrar o ISD como um campo que contribui para que a ciência da linguagem avance e para que o programa do interacionismo, ainda não definido ou unificado, progrida, haja vista o ISD ser, com efeito, um projeto que inclui a interação — consoante o pensamento bakhtiniano precursor — na produção verbal em seu *locus* de acontecimento empírico como categoria efetiva de análise.

De outros tantos, um ponto positivo do ISD é tratar o texto como unidade comunicativa, de modo a salientar sua qualidade interativa e comunicativa. Por exemplo, ao lembrar a influência necessária que fatores socio subjetivos do contexto de produção exercem na ação de linguagem (cf. BRONCKART, 2009, p.94), assinala que o parâmetro do objetivo (da perspectiva do agente-produtor³), concernente aos efeitos a serem produzidos no destinatário, é um parâmetro intrínseco do endereçamento do texto. No que diz respeito à originalidade do ISD, uma mostra é a

² SIMONIN-GRUMBACH, J. “Pour une typologie des discours”. In: KRISTEVA, J.; MILNER, J.-C.; RUWET, N. (eds.). *Langue, discours, société*: pour Emile Benveniste. Paris: Seuil, 1975. P. 85-121.

³ Definição do conceito ‘agente-produtor’ na seção “Algumas categorias do ISD”, adiante.

proposta de quatro tipos de discurso (com combinações possíveis no interior do interdiscurso que os compõe), assim como de quatro mundos discursivos prototípicos, é sem dúvida uma postulação que não deve passar despercebida (agrega elegância e delimitação tipológica e de caracterização finita à análise de textos). Por sinal, o ISD ganha pontos também por não procurar a sistematicidade tipológica de gêneros de textos (reunidos historicamente no intertexto, nunca fechado), já que são objeto de permanente e inexorável mutabilidade formal à medida que se realizam ⁴.

De fato, há um ganho heurístico aos estudos da linguagem produzido pelas abordagens incidentes na interação verbal, da qual faz parte integrante e constitutiva a dimensão sociocognitiva que a realiza funcional e historicamente, e isso faz implicar seu devido reconhecimento e tratamento nesses estudos que, assim inscritos, estarão engajados nos avanços teóricos e aplicados em linguagem na contemporaneidade.

COGNIÇÃO, SOCIAL-DEPENDENTE

Morato (2001, p.322) reporta que, desde os anos 1960, relações entre linguagem e processos cognitivos (como percepção, memória, pensamento) são estudadas no interacionismo. Importante fazer notar também que é mais contundentemente a perspectiva vygotskyana — que o ISD, por sinal, adota — que faculta à linguagem e às interações sociais o desenvolvimento do domínio cognitivo.

No que tange ao conhecimento, hoje em dia, já é ponto bem pacífico em diversas áreas do saber — embora não consensualmente — considerar a dinâmica social pela língua como sendo um componente de grandeza na constituição dos conhecimentos. Está aí um pressuposto facilmente identificável no modelo do ISD, que, mais radicalmente um pouco, sustenta o princípio segundo o qual os fatos sociais perfazem os principais determinantes dos fatos psicológicos⁵. É a atualização contemporizada de uma das linhas-mestras dos estudos de Marx (1978, p.130), traçada em 1857, de que o modo de produção da vida material condiciona a vida social, engendrando o ‘ser social’ (como traço ou atributo do homem) que, por sua vez, determina a consciência⁶.

⁴ A despeito disso, esforços que remontam a Aristóteles (cf. BRONCKART, 2003, pp.50-51) vêm sendo despendidos em sua categorização, que ainda é instável.

⁵ Cf. Bronckart (2009, p.29). Sem prejuízo conceitual ao quadro do projeto do ISD, privilegiaremos expressões que mobilizam termos como ‘cognitivo’, ‘cognição’ ao invés de ‘operações psicológicas’, não obstante o projeto apresentar alternância entre ambas as maneiras de designação

⁶ Está aí o caminho de uma análise em nível máximo acerca da construção da cognição: aquele que focaliza a atenção no modo de produção que baseia a formação socioeconômica na qual se encontra o agente-produtor.

“Superadas” principalmente as (influências das) ideias da psicologia experimental durante a segunda metade do século passado, hoje em dia o enfoque dado à cognição — e seus processos de construção —, para além do âmbito individual, voltou com relativa força (sua consolidação inicial se deu na década de 1940). Até a ideia de ‘contexto’ na situação de produção verbal é concebida em termos cognitivos. Kerbrat-Orecchioni (1996⁷, p.41-42) citada por Marcuschi (2002, p.45) defende que o contexto deve ser tomado como o quadro de representações que os interlocutores têm da situação de interação, ao invés de ser entendido simplesmente como aquilo que designa a dimensão extralinguística. Como se verá na seção seguinte a esse propósito, o ISD também assim o compreende.

Recobrando o dito acima, as formações sociais — e o modo como as relações de reprodução das condições de produção cultural (aí implicada notadamente a ordem da linguagem) que as caracterizam — se exercem decididamente na causação das condições de possibilidades cognitivas do homem. A matriz das representações mentais — esta sendo, a propósito, uma noção cara às diversas manifestações do cognitivismo⁸ —, da construção dos conhecimentos, da formação, em última instância, do conteúdo temático que o texto oral ou escrito portará está radicalmente ancorada na dimensão social que a história institui, movimenta e dá efeitos de realidade efetiva.

Correntes cognitivistas que estudam a língua vêm observando-a em sua situação de uso, sem abstrair os fatores da atividade que a atualiza e concebendo a dimensão social nessas relações como condição necessária da cognição. Uma assunção que não raro se encontra aí é a de que a instância das disposições emocionais, por exemplo, influi vigorosamente nas operações de linguagem, de modo que evitá-la nas reflexões sobre a língua é ficar no código e, assim, não captar as essencialidades que a ele se articulam constitutivamente, sem as quais ele, por sinal, não funcionaria. À linguística cognitiva, por exemplo, se apresenta a demanda de contribuir no desvelamento do funcionamento cognitivo em jogo na construção e “transmissão” de significados cujo processo nos dá a sensação de que há mundos representados em comum entre membros de uma comunidade verbal, fazendo-se a pergunta de como isso é possível.

ALGUMAS CATEGORIAS DO ISD

Nesta seção, vamos apresentar e em alguns momentos comentar as noções e conceitos do ISD com os quais operaremos na discussão da seção

⁷ KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Texte et contexte*. In: SCOLA: Sciences Cognitives, Linguistique & Intelligence Artificielle, 6, 1996. pp.40-59.

⁸ Com ela, quer-se dizer que qualquer objeto do conhecimento passa a existir se for cognitivamente representado (cf. FRANÇOSO & ALBANO, pp.301-302).

seguinte, concernente ao acionamento de processos cognitivos na ação de produção verbal na interação.

A concepção de ‘língua’ que subjaz ao (ou de que parte o) projeto do ISD é a que a toma saussuricamente como estrutura, sistêmica sincronicamente, uma categoria oposta à ‘fala’, esta sendo a realização concreta da língua pelos agentes-produtores, exatamente como se toma a noção de ‘texto’ no modelo teórico-metodológico do ISD, adicionado o interesse, naturalmente, de conceber essa unidade de análise como entidade funcional e tendo em conta as condições sociocognitivas sob as quais emerge. Assim, assinala-se que a estrutura de língua nesse quadro importa mais pertinentemente quando se tratar de diferenciar as unidades linguísticas particulares mobilizadas da língua natural em jogo.

Para falar de ‘ação de linguagem’ enquanto categoria conceitual, mencionar outra, a ‘atividade de linguagem’, faz com que aspectos importantes — mediante perspectivas distintas mas complementares — de um mesmo fenômeno sejam salientados. Enquanto a segunda é forjada para se fazer referência à produção verbal do ponto de vista sociológico, dizendo respeito às restrições de condições de possibilidade que a formação social impõe ao ato na interação, a primeira concerne às operações cognitivas postas em funcionamento no e pelo agente-produtor envolvidas na produção verbal na interação.⁹ Esta primeira é que vamos mobilizar aqui, segundo nossos propósitos.

O ‘texto’ se refere tanto à modalidade oral quanto à escrita, é tido como a realização empírica da produção verbal no quadro de uma língua natural qualquer e está sempre imbricado em propriedades do contexto de seu acontecimento, sempre também tendendo a gerar efeitos de coerência sobre seu destinatário ou interlocutor.¹⁰

Tendo em vista a unidade do texto, Bronckart (2009, p.97) define ‘conteúdo temático’ (ou referente) como o conjunto das informações explicitadas por unidades declarativas (na acepção de que veiculam um saber ou conhecimentos) de uma língua natural. Aqui, não usaremos a expressão alternativa ‘referente’ por julgá-la menos própria e, sem que haja atrito com a definição, tomaremos a expressão ‘conteúdo temático’ não apenas em relação à sua apresentação no texto efetivamente produzido, mas também como atinente a seus estágios anteriores — que implicam reestruturação — quando do processamento (ou construção) cognitivo dos conhecimentos que o compõem.

Há diferentes estatutos possíveis àquele que fala segundo o modelo do ISD. ‘Emissor’, ‘produtor’, ‘locutor’ são termos distintos para designar uma mesma instância, a pessoa que fisicamente produz o texto; quando

⁹ Cf. Bronckart (2009, pp.39, 48, 99 e 321).

¹⁰ Para detalhes, v. Bronckart (2009, pp.67, 69, 71, 73, 75, 77, 86, 93-94, 137 e 259).

entrar em consideração o papel socio subjetivo desempenhado por aquele que fala, a designação é ‘enunciador’; no particular da designação de ambos os aspectos simultaneamente, os termos concorrentes são ‘emissor-enunciador’, ‘autor’, ‘agente-produtor’. Enquanto instâncias teóricas, existem o ‘narrador’ (que gerencia a ordem do NARRAR¹¹), o ‘expositor’ (que gere a ordem do EXPOR), estatutos atribuídos pelo agente-produtor ao deslocar a responsabilidade do que é dito, e o ‘textualizador’ seria a instância geral de gerenciamento de vozes infraordenadas — do autor empírico, de personagens, de pessoas ou instituições externas (um texto com mais de uma voz é polifônico).¹² Como o nosso propósito aqui é focalizar as operações cognitivas envolvidas na produção verbal, manteremos a denominação ‘agente-produtor’, embora não toquemos a questão de papéis determinados.

De bastante relevância operacional ao modelo teórico-metodológico do ISD é a teoria dos três mundos tomada de empréstimo a Habermas (1987)¹³. As representações dos aspectos e parâmetros físicos (espaço, tempo, emissor, receptor), do mundo das coisas, compõem o ‘mundo objetivo’. As representações sobre as instituições, os estabelecimentos, as organizações, as posições sociais dos indivíduos, as coordenadas (convencionais, regradas) entre membros de grupos sociais, bem como os efeitos pretendidos sobre o destinatário, perfazem o ‘mundo social’ (este regularia ou mediaría as representações dos outros dois mundos). Finalmente, as representações do agente-produtor sobre qualidades, propriedades, faculdades próprias (em suma, a imagem de si) formam o ‘mundo subjetivo’.¹⁴

As representações dos três mundos¹⁵, sempre dinâmicas e reatualizáveis, são acumuladas na memória do agente-produtor durante toda a vida e, assim, compõem o conjunto geral de conhecimentos simultâneos, cujo espectro trará sempre efeitos, absolutamente imprevisíveis à produção verbal. Destacamos a pertinência do caráter simultâneo de conhecimentos assinalado por Bronckart (2009, p.98), opondo-o ao caráter linear (não-simultâneo) que uma parte deles (os realizados) receberia na cadeia do sucessivo que caracteriza o texto efetivo. Adicionalmente, concebemos que os conhecimentos simultâneos se dispõem entre si radicalmente numa relação paradigmática (em oposição à

¹¹ Como a edição de Bronckart (2009) utiliza a grafia em caixa alta nesse particular, optamos por mantê-la.

¹² Para detalhes desses estatutos, v. Bronckart (2009, pp.93-96, 130-131, 281-282, 323, 326-327 e 329). No particular do texto polifônico, ele se distingue do texto polígérico. Enquanto aquele não implica necessariamente a existência de mais de um produtor, este implica que haja mais de um produtor na situação de produção verbal.

¹³ HABERMAS, J. *Théorie de l'agir communicationnel*. t.I et II. Paris: Fayard, 1987.

¹⁴ Para detalhes, v. Bronckart (2009, pp.33-34 e 93-94).

¹⁵ Bronckart (2009, p.151) propõe o termo ‘mundo ordinário’ para se referir aos três mundos. No entanto, não adotamos aqui essa denominação, por acreditarmos na possibilidade de confundi-lo com ‘mundo objetivo’, p.ex., além de poder dar margem a imprecisões referenciais ou conceituais.

sintagmática) sob a forma, não de unidades (tal como palavras ou constituintes maiores), mas de proposições contingentes que os constituem. Mas aqui nossa assunção relativa à adequação estrita do emprego do traço ‘simultâneo’ se relaciona mais especialmente ao conjunto geral de conhecimentos e, como se verá, ao subconjunto dele destacado, uma vez que presumimos que as macroestruturas semânticas estarão no entremeio do *continuum* simultâneo-linear, bem como o(s) mundo(s) discursivo(s) (este(s) dedutivamente mais à direita na linha do *continuum*). É importante termos essas considerações em mente no avançar da leitura, e falaremos sobre macroestruturas semânticas, subconjunto de conhecimentos, mundo(s) discursivo(s), proposições e (níveis de) contingência mais adiante.

O estatuto de ‘contexto’ em relação à situação de produção verbal é definido como sendo dado pelas representações que o agente-produtor tem dos três mundos, em geral influenciando na forma e composição do texto.¹⁶

‘Macroestruturas semânticas’ é uma expressão que designa as diferentes formas mediante as quais os conhecimentos prévios tomam, antes de sua realização no texto empírico, das quais nunca este se constitui como cópia equivalente.¹⁷ A partir dessa noção, daremos mais especificidade à etapa que essas estruturas constituem, como se verá aplicadamente na seção seguinte, fazendo intervir *explicitamente*, entre o conjunto geral de conhecimentos simultâneos alojado na memória e as macroestruturas semânticas, uma fase intermediária (o subconjunto de conhecimentos simultâneos). Com essa postura, um dos efeitos imediatos é a retirada da identidade entre conjunto geral de conhecimentos simultâneos e macroestruturas semânticas. Adicionalmente, a “montagem” preliminar das macroestruturas semânticas se dá como produto da seleção de representações incidente no subconjunto de conhecimentos simultâneos em função dos parâmetros gerais existentes na situação de produção verbal, parâmetros esses que funcionam como um *input* fundamental a essa elaboração estrutural.

Os ‘mundos discursivos’ podem ser prototipicamente de quatro tipos: o mundo do EXPOR conjunto implicado (dando um discurso interativo), o mundo do EXPOR conjunto autônomo (discurso teórico), o mundo do NARRAR disjunto implicado (criando um relato interativo) e o mundo do NARRAR disjunto autônomo (narração). Os discursos gerados são, por sua vez, os quatro tipos de discurso prototípicos (que compõem o interdiscurso) postulados pelo ISD, passíveis de combinação entre si. O traço implicado diz respeito à presença explícita de elementos dêiticos externos ou exofóricos, integrados ao conteúdo temático,

¹⁶ Cf. Bronckart (2009, pp.37 e 93).

¹⁷ Cf. Bronckart (2009, pp.98, 217 e 234-235).

demandando o conhecimento das condições de produção, enquanto que um mundo discursivo teria o traço autônomo se ele mantiver uma relação não explicitada com os parâmetros da ação de linguagem, não demandando, então, conhecimento necessário das condições de produção para ser bem entendido. No tocante ao traço conjunto, um mundo discursivo o terá caso as coordenadas de espaço-tempo que tem sejam coincidentes com as coordenadas do mundo objetivo ou social (por dêixis externa) ou de outro mundo discursivo (por dêixis interna) no qual se encaixe, traço que é próprio dos discursos da ordem do EXPOR; caso contrário, terá o traço disjunto, próprio dos discursos da ordem do NARRAR.¹⁸

A noção de ‘arquitetura interna do texto’ (ou ‘folhado textual’) é cara para a conceitualização que Bronckart (2009) elabora. Ela é dividida em três níveis: a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. O primeiro diz respeito aos tipos de discurso, às (eventuais) sequências de planificação (especialmente as convencionais/básicas narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal¹⁹; podendo se combinarem entre si) e aos planos gerais de texto. O segundo refere-se à coesão nominal, à coesão verbal e à conexão, contribuindo isotopicamente para a coerência do conteúdo temático. Já o terceiro, contribuindo para a manutenção da coerência pragmática (ou interativa/configuracional) do texto, tem relação com as vozes e as modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas), que portam avaliações incidentes sobre aspectos pontuais do conteúdo temático.²⁰

O ‘intertexto’ é a designação que Bronckart (2009) prefere usar para se referir ao conjunto, sempre aberto, de gêneros textuais, em constante mudança, em razão das mais ou menos sutis adaptações às diferentes circunstâncias das formações sociais, às quais eles se ligam mais facilmente pela pertinência (e seriam indexados) ou não — caso em que não se saberia claramente da adequação do uso de (in)determinados (candidatos a) gêneros.²¹

ELEMENTOS PARA UMA REVISÃO DA TEORIA COGNITIVA DO ISD BRONCKARTIANO

Para o desenvolvimento da nossa discussão, a abordagem dialógica é pressuposta, segundo a qual *todo texto*, ainda que em sua situação de produção não haja um interlocutor ou destinatário físico/real presente, é

¹⁸ Para detalhes, v. Bronckart (2009, pp.153-157 e 210).

¹⁹ Sequências defendidas especialmente por ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

²⁰ Para detalhes, v. Bronckart (2009, pp.16, 119-134, 219 e 251).

²¹ Cf. Bronckart (2009, pp.92, 100-101, 108 e 210).

inerentemente responsivo, é constitutivamente orientado a um destinatário.

A análise que parte da configuração textual global do texto às suas frases componentes pode ser concebida como uma abordagem estrutural descendente (do texto às frases). Igualmente, uma análise que parte da realização empírica do texto global às operações mentais que o subsidiam — necessária mas não suficientemente²² — pode ser designada, embora sob outra direção, como abordagem descendente (do texto às operações mentais). Será tendo em mente este último procedimento, *mas o invertendo* (das operações mentais ao texto), e tomando o ‘texto’ de modo teórico, que queremos discutir alguns aspectos do modelo de cognição (com suas consequências) assumido por Bronckart (2009) a propósito do ISD.

Se nos detivermos, com alguma atenção, nas fases cognitivas envolvidas na produção verbal, lançando mão, quando necessário, de construtos ou mecanismos de abstração, chegaremos — dentro dos limites do organismo-agente, numa visada teórica não-fisiologista — ao grau zero da cognição: a memória. Como âmbito de estoque de símbolos (e de imagens), ela é condição necessária para a emergência organizada da consciência. Adicionalmente, uma consciência organizada só pode, de fato, ser *pensada* à medida que se articula necessária e suficientemente com uma língua natural.²³

Imediatamente sustentado na memória e instituído pela consciência organizada está o conjunto geral de conhecimentos (ou representações) simultâneos — que é dinâmico e não-fechado, por definição²⁴ — que se plasma na interação do agente com os outros e consigo mesmo, dando consistência relativa a seus mundos objetivo, social e subjetivo, a partir dos quais se relança em novas interações e os modifica. Na situação interativa de produção verbal, irrefletidamente²⁵ esse conjunto dará um subconjunto de conhecimentos simultâneos que, por sua vez, fornecerá proposições declarativas (com seu valor de verdade *a priori*, só num segundo momento potencialmente cambiado, i.e., com alguma dependência verificativa das ‘condições de uso’) que se organizarão em macroestruturas semânticas.

Iniciamos aqui propriamente a exposição da nossa proposta de

²² Porque pressupõe a relação dialógica com seu(s) destinatário(s), além dos efeitos das restrições da formação social de que falamos na seção “Algumas categorias do ISD”.

²³ Sobre a memória como condição de existência da consciência, v. Searle (2000, p.75). A respeito da língua como ordenadora do pensamento, v. Saussure (2006, pp. 130 e 266-7).

²⁴ Porém, fechado no sentido estrito de operações, no sistema nervoso, de mudanças de configurações na rede neuronal, aí provocando alterações de estado como resultado das correlações superficiais entre as estruturas internas e o fluir (mediante a linguagem ou outras coordenações consensuais de conduta) das interações com o meio (cf. MATURANA, 2001, p.184).

²⁵ Bronckart (2009, pp.109-110) prefere dizer “qualquer que seja a consciência” (ao invés de irrefletidamente que usamos) por parte do agente acerca do processo mental envolvido nas “escolhas” de que as operações cognitivas dariam pistas no texto.

contribuição ao ISD. Com ela, queremos dar um caráter mais discreto ou preciso às etapas circunscritas no processo geral desencadeado nos limites da cognição na situação de produção verbal. Com essa postura, uma das vantagens possíveis que acreditamos que pode servir aos estudos do texto diz respeito à tentativa de um melhor esclarecimento acerca das fases de processamento mental do conteúdo temático, segundo a perspectiva epistemológica da nossa discussão. Isso para os linguistas do texto e, talvez, para alguns cognitivistas. De modo mais amplo, esperamos que, na hipótese de nossa proposta lograr algum êxito, ganhos teóricos podem ser possíveis para, por exemplo, a teoria geral do conhecimento, uma vez que cognição, conhecimentos e textos são colocados em relação.

Isso dito, primeiro vamos focalizar a relação entre conjunto geral e subconjunto de conhecimentos e macroestruturas semânticas. Concebemos a situação de interação como o “dispositivo” que “irá” ao conjunto geral de conhecimentos simultâneos (com estatuto que atribuímos de contingência radical ou absoluta) para “retornar” um subconjunto de conhecimentos simultâneos (com estatuto de contingência relativa alta) e os “interpelará” a formar macroestruturas semânticas (estatuto de contingência relativa média), que ainda, porém, não estarão autorizadas a se realizar no texto empírico na linearidade da cadeia do sucessivo (ou eixo sintagmático) que o compõe (estatuto de efetivo, realizado ou contingência nula)²⁶, no quadro de possibilidades e regras estruturais da língua natural que estiver em jogo.

Para a realização do texto, nos deparamos ainda com outra fase cognitiva de transformação do conteúdo temático. As macroestruturas semânticas formarão um (ou mais) mundo discursivo (com contingência relativa baixa, é a instância imediatamente anterior às operações formais de arquitetura pelas quais o texto se efetiva) ao agente na situação pragmática da interação verbal; com a necessária constituição da arquitetura interna do texto, o mundo discursivo será rearranjado para se pôr na cadeia do sucessivo em unidades linguísticas.

De modo simples e esquemático, a discretização que propusemos ao modelo — aplicada ao conjunto de fases cognitivas envolvidas na transformação estrutural hierárquica dos conhecimentos, desde o conjunto geral de conhecimentos simultâneos até sua realização linear (no tempo ou no espaço)²⁷ efetiva na forma de conteúdo temático que o texto empírico portará — pode ser apresentada como segue, revelando a abordagem descendente inversa de que falamos no início desta seção, na forma aqui

²⁶ Quando, no futuro, houver a realização no texto das proposições das macroestruturas semânticas, não teremos senão, obviamente, uma pequena parte dos conhecimentos contingentes efetivados.

²⁷ No tempo se a modalidade de produção verbal em jogo for a oral (sob o suporte de sons que se apresentam numa sucessão temporal sequencial durante a emissão); no espaço se a modalidade for escrita (linha espacial dos elementos gráficos dispostos lado a lado no suporte material em que estão apresentados). Isso pela abstração feita à equivalência entre tempo e espaço a que o pensamento de Einstein se refere, como nos lembra Pinker (2008, p.18).

de referência aos estatutos próprios aos diferentes níveis de contingência: contingência absoluta > contingência relativa alta > contingência relativa média > contingência relativa baixa > contingência nula. As correlações estabelecidas entre níveis de contingência e fases transformacionais são: contingência absoluta — conjunto geral de conhecimentos simultâneos; contingência relativa alta — subconjunto selecionado desses conhecimentos; contingência relativa média — macroestruturas semânticas; contingência relativa baixa — mundo(s) discursivo(s); contingência relativa nula — conteúdo temático efetivo no texto empírico.

Explicitando o sentido de ‘contingência’ com que jogamos — guardando alguma semelhança com o que vemos na lógica ou na filosofia²⁸ —, ele tem a ver aqui *diretamente* com os conhecimentos que podem mas não precisam (i.e., sem o estatuto de necessário) suceder ou ocorrer no texto (em primeira ordem) em conjunto, sendo secundária (segunda ordem) a verificação do valor de verdade das proposições declarativas (que veiculam saber) que compõem os conhecimentos, porquanto seu valor, embora estando estabelecido *a priori* como verdadeiro (ou falso), carrega a potencialidade da mudança na situação de produção verbal em que estão envolvidas, como já dissemos.

Por exemplo, isso tem relação com o que Wilhem Mathesius, do Círculo Linguístico de Praga, dizia sobre a comunicação. Ela afeta dinamicamente nossos conhecimentos, dado que uma parte dos enunciados, o rema, é mais dinâmica do que outra, o tema²⁹. Como dizíamos, uma vez que vemos a situação de interação como o dispositivo que irá ao conjunto geral de conhecimentos simultâneos alojado na memória para retornar um subconjunto (ainda aqui simultâneos) deles, o critério de seleção irrefletido em operação dirá respeito à situação comunicativa em que o agente-produtor está implicado. Diante disso, certamente faz parte do quadro de fatores envolvidos na seleção de subconjunto o grau de demanda que a situação interativa põe por determinados remas e não outros.

Podemos ver isso ainda com o apoio dado de outro ângulo. Conforme o que Portner (2005, pp.187-188) diz sobre uma semântica dinâmica, proposições que atualizam o contexto (a situação de interação verbal) fazem com que os mundos possíveis (na noção semântica) nos quais elas têm valor de verdade falso sejam excluídos, e isso à medida que a conversa acontece. Outro meio auxiliar é conceber o fenômeno em questão pela visão — uma das mais importantes na modernidade no que se refere à pressuposição, segundo Portner (2005, p.181) — da ‘pressuposição pragmática’. Esta entende as pressuposições como condições de admissão

²⁸ Em Hegel (2008, p.185), p.ex., discutindo ‘lei’, o autor diz que, se ela não tiver sua verdade no conceito (conceito sendo o elemento da existência da verdade), ela não é uma necessidade, é algo, ao contrário, contingente, o que lhe confere, pois, um estatuto de não-lei.

²⁹ Mathesius é mencionado em Ilari (2011, p.69).

de sentenças (ou mais propriamente proposições) num contexto conversacional. As pressuposições acusariam se um “lance no jogo” (na conversa) é permitido ou não. Dois conceitos são importantes a esse respeito. Um é o ‘campo comum’ (*common ground*) e o outro, ‘conjunto de contexto’ (*context set*). O primeiro se refere ao conjunto de proposições sobre as quais os interlocutores estão de acordo, tidas como incontroversas para os objetivos da conversa; o segundo é o conjunto de mundos possíveis em que todas as proposições do ‘campo comum’ são verdadeiras. Essas pressuposições são tomadas explícita e/ou implicitamente num determinado ponto do tempo de uma conversa real, em número absolutamente variável. Assim, um “lance de jogo” não permitido seria uma proposição que não é incontroversa e verdadeira, fazendo com que a sentença correspondente não seja admitida.

Estão aí, pois, operações que parecem se juntar ao quadro de critérios de seleção irrefletida que destaca um subconjunto de conhecimentos simultâneos do conjunto geral de conhecimentos simultâneos, mediante as representações do agente-produtor que visam à constituição do ‘campo comum’ e do ‘conjunto de contexto’ ao se implicar na situação de produção verbal no confronto com seu interlocutor ou destinatário. As pressuposições pragmáticas convocadas na interação são, inicialmente, as proposições presentes no subconjunto de conhecimentos simultâneos mobilizado em função das representações do agente-produtor dos mundos (mais especialmente o social), em cujo quadro geral o subconjunto de representações ligadas ao interlocutor ou destinatário é consideravelmente influente. Desse modo, autoriza-se o prosseguimento do conteúdo temático em jogo nessa fase à seguinte, de contingência relativa média.

Nos movimentos da interação na situação de produção verbal, é previsto, então, a potencialidade permanente de mudanças nas proposições por novas relações entre tema e rema. As sequências argumentativas, como expressão de raciocínios argumentativos, com toda a possibilidade assumem boa parte da responsabilidade da mudança potencial do ‘campo comum’ e do ‘conjunto de contexto’ — assim como, naturalmente, as outras sequências de planificação, como expressão de raciocínios diferentes —, à medida que vai apresentar dados novos como tese a ser defendida e, com a conclusão, se positiva ou não, desencadear novas configurações de proposições, que estarão licenciadas, em última instância, a se alojar no conjunto geral de conhecimentos simultâneos de que a memória é sede.

Presumimos que a passagem do conteúdo temático contingente presente no subconjunto de conhecimentos simultâneos para a formação de macroestruturas semânticas confira novo nível de ordenamento desse conteúdo, por um efeito de *injunção gramatical*³⁰ antecipada (ou parcial) da

³⁰ Gramatical na acepção de que visa à formação de expressões bem formadas, em qualquer variedade linguística, sem, portanto, qualquer relação com juízos de valor normativo emanados por gramáticas normativas.

futura realização linear na cadeia do sucessivo, injunção que ganha novo grau de intensão quando da necessidade da formação do(s) mundo(s) discursivo(s), etapa imediatamente anterior às operações formais de arquitetura pelas quais o texto se realiza, se torna empírico. Por isso, o nível de contingência relativa baixa que caracteriza a fase transformacional do(s) mundo(s) discursivo(s) está situado, em relação à fase das macroestruturas semânticas, mais à direita na linha do *continuum* simultâneo-linear. Com essa etapa vencida, nova e última reestruturação incide no conteúdo temático — graças à injunção gramatical total como condição de formação de expressões bem formadas, segundo as condições de possibilidades da língua natural em jogo — e o licencia para a realização (contingência nula) no texto empírico.

O corolário possível a que podemos chegar a respeito do conjunto das transformações do conteúdo temático em relação à injunção exercida sobre eles pelas operações formais oriundas da necessária constituição da arquitetura interna do texto é o de que quanto mais intensa for a injunção gramatical que pesa sobre uma fase transformacional, menos contingente será o conteúdo temático da fase em questão. Para falarmos dos dois polos extremos, isso quer dizer que a contingência nula que o texto empírico manifesta no que se refere ao conteúdo temático que porta representa o grau máximo de injunção formal das operações de formação da arquitetura interna do texto, e a contingência absoluta característica do conjunto geral de conhecimentos simultâneos apresenta injunção mínima dessas mesmas operações formais³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizando as afirmações fundamentais da nossa proposta, dissemos que a situação de interação é o dispositivo que separa do conjunto geral de conhecimentos simultâneos uma parte deles (um subconjunto de conhecimentos simultâneos) para que, em seguida, se monte em macroestruturas semânticas. Também dissemos que as macroestruturas semânticas é que formam um ou mais mundos discursivos antes de o conteúdo temático se manifestar no texto empírico. Pela natureza desses momentos e por suas condições de aparecimento, atribuímos os estatutos de ‘contingência radical’ (para o conjunto geral de conhecimentos), de ‘contingência relativa alta’ (para o subconjunto do conjunto), de ‘contingência relativa média’ (para as macroestruturas semânticas), de ‘contingência relativa baixa’ (para o(s) mundo(s) discursivo(s)) e de, finalmente,

³¹ Se não fosse assim, haveria tendencialmente uma identidade aí: texto empírico a” conjunto geral de conhecimentos simultâneos, o que se mostra de todo inadmissível.

‘contingência nula’ (para o texto empírico). Propusemos também a noção de ‘injunção gramatical’ para aludir à transformação estrutural incidente no subconjunto de conhecimentos simultâneos para resultar as macroestruturas semânticas, noção que se aplica também à transição do conteúdo temático das macroestruturas semânticas ao(s) mundo(s) discursivo(s), o que indica que não só o nível de contingência nula pressupõe gramaticalizações de língua natural. Com a noção de injunção gramatical, estabelecemos uma correlação com os níveis de contingência, no sentido de grandezas inversamente proporcionais: quanto menos contingente for a fase transformacional do conteúdo temático, maior será a injunção gramatical implicada.

A maneira dialética de pensar (em oposição ao pensar metafísico das ontologias e ao pensar irracionalista), que tem em conta a necessidade de reconhecer o movimento das mudanças na sucessão de surgimentos do novo na realidade humana em suas mediações e contradições, bem como as determinações em jogo, vai indicar ou reiterar o estatuto dinâmico da cognição e de sua irmanação com a linguagem, ambas como componentes necessariamente fundados nas interações em que se inscrevem. Da assunção disso, decorre a perpétua e absolutamente constante reestruturação, em última instância, do conjunto geral dos conhecimentos simultâneos sob o nível da contingência absoluta. Isso tem de ser encarado combatendo-se a trivialidade aparente a que a distração pode inadvertidamente remeter, pois que, no fundo e em última análise, trata-se de considerações que se ligam à teoria geral do conhecimento, campo que está — é verdade — inexoravelmente coagido pelo fato de que “a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela” (KONDER, 1988, p.37).

REFERÊNCIAS

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2009.

_____. *Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.11, n.1, 2003. pp.49-69.

FRANÇOZO, E.; ALBANO, E. “Virtudes e vicissitudes do cognitivismo, revisitadas”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5.ed. v.III. São Paulo: Cortez, 2011.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ILARI, R. “O estruturalismo linguístico: alguns caminhos”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5.ed. v.III. São Paulo: Cortez, 2011.

KONDER, L. *O que é dialética*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARCUSCHI, L. A. *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa*. Veredas, revista de estudos linguísticos. Juiz de fora, v.6, n.1, 2002. pp.42-62.

MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MORATO, E. M. “O interacionismo no campo linguístico”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v.3. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINKER, S. “Palavras e mundos”. In: *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PORTNER, P.H. “The pragmatics of what’s given”. In: *What is Meaning?: Fundamentals of Formal Semantics*. Malden, MA: Blackwell, 2005.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARLE, J. R. *Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.